



TEMPORALIDADE NO DISCURSO FEMINISTA

Rafael de Sousa Lopes Nascimento

UFMG/ Linguística: semiótica e temporalidade/ rafastvga@hotmail.com

Resumo: O presente artigo tem por finalidade apresentar os símbolos e falas que perduram no discurso feminista desde a década de 60. Tais elementos podem elucidar questões de pertencimento, de transformação e adaptação ao contexto vigente. Os cenários a serem avaliados são: Rio Grande do Sul na década de 60 e Rio de Janeiro na atualidade.

Palavras-chave: Feminismo, discurso, historicidade, antigamente, atualidade.

1. Introdução

A ideia para este artigo assurgiu em função do tópico “feminismo” ter ganhado explicitude em muitos âmbitos, do acadêmico às mídias sociais. Assim, expressões e termos referentes às condições da mulher na sociedade emergem diariamente desses “embates” discursivos. Observa-se, entretanto, que a temporalidade de tais termos é pouco discutida, bem como o modo como seu “apoderamento” é reforçado ao longo do tempo. Destarte, por meio de dois vídeos, sendo o primeiro um documentário sobre as mulheres situadas no Rio Grande do Sul (RS) na década de 60, e o segundo uma roda de bate-papo composta de mulheres feministas situadas no Rio de Janeiro (RJ) em contexto atual, analisaremos como eles apresentam os elementos que constituem o discurso feminista de cada época, e a relação dos mesmos com o contexto de origem

2. Instrumentalizando a análise

Quando pensamos em texto, é interessante pensar em sua função, ou melhor, o que ele tem para nos dizer. Assim, o contexto em que se insere, o modo como se apresenta e os elementos que o constitui nos levam à sua análise discursiva. O discurso, portanto, se faz existir da situação que o criou, nutrido por ideologias e a visão de mundo de sua época (GREGOLIN, 1995, p.17).

Todo texto tem quem o enuncia. E para que enunciador e enunciatário se articulem, ambos devem estar inseridos no mesmo momento do enunciado, e assim negociar sentido estabelecendo a “verdade” do texto (PÊCHEUX, 1990, p.18 apud GREGOLIN, 1995, p.18). Vejamos como cada vídeo aborda o discurso feminista

2.1 Primeiro vídeo: “Mulheres no RS – Anos 60.”¹

O sujeito da enunciação, ao se apoderar da narrativa, seleciona os elementos necessários para estruturá-la. Sendo assim, logo no primeiro vídeo, o narrador conduz o narratário a uma viagem no tempo e espaço de interesse, e lá seleciona as pessoas e as figuras que irão compor seu discurso. Inicialmente, o documentário categoriza os assuntos próprios para as telespectadoras dos anos 60. Entre os assuntos estão: moda, arte, culinária, campanhas e educação dos filhos. Ao categorizar, estabelece-se o “nível fundamental no percurso de geração de sentido” (GREGOLIN, 1995, p.17), necessário na construção de antagonismos, como por exemplo: morte e vida, bem e mal, e, no caso do primeiro vídeo, mulheres tradicionalistas e feministas.

O narrador exemplifica o antagonismo ao mencionar o programa “*Variedades do Jornal do Almoço*”, o qual revolucionou a pauta com a chegada de Susana Saldanha (atriz e feminista), junto com Maria do Carmo (apresentadora e tradicionalista), duas mulheres com temperamentos, opiniões e modos distintos de dizer as coisas. As mudanças seguem com a participação de Marta Suplicy, sexóloga, que, ao abordar a sexualidade feminina, mostra a mulher como dona do próprio corpo e de suas vontades.

Depreende-se desse novo momento no programa as quatro fases do nível narrativo (GREGOLIN, 1995, p.17). Primeira: o programa propõe o confronto de dois tipos de discurso: o da mulher tradicionalista contra o discurso feminista. Tal embate indica a *manipulação*, ou necessidade de falar sobre o assunto. Segunda: assuntos como sexo e direitos da mulher nunca haviam sido abordados antes por mulheres e para mulheres na televisão, o que caracteriza a fase da *competência*, do poder e querer saber. Terceira: ainda na década de 60, Betty Friedan, ativista feminista

¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FJue0lsf434>>. Acesso em: 14 jun. 2018.

estadunidense, pede às mulheres que mandem aos EUA seus sutiãs para serem queimados em praça pública, alimentando a *performance* do feminismo no cenário social e político. Última: no RS, a opinião pública sobre o assunto - mulheres andando livres sem o sutiã - se dividia da seguinte maneira: favoráveis (para as mulheres); contra (que as mulheres gordas evitassem). As opiniões, portanto, se pautavam por questões do corpo. O fato de tanto homens quanto as mulheres ainda não notarem o movimento como um ato político mas sim estético tornava a situação crítica - culminando em uma *sanção negativa*.

O vídeo passa da televisão dos anos 60 para a política no início dos anos 70, prestando homenagem às mulheres que foram referência pública no RS. Entre elas estão: a deputada federal Derci Furtado, defensora da voz da mulher no parlamento, do planejamento familiar, e do uso de eslaque² em local de trabalho; mulheres naquele tempo só usavam saia e vestido. Outros exemplos são a deputada Ecléa Fernandes, por assumir a presidência da assembleia legislativa gaúcha, Iris Hanke, primeira prefeita da cidade de Cruzeiro do Sul, e Terezinha Zerbini, anistiada que liderou uma campanha pela anistia, dando o pontapé inicial para que outros movimentos ganhassem *quórum*.

O documentário deixa muito a desejar sobre as paixões e os sentimentos do “sujeito que passava por essas transformações e que experimentava diferentes” estados de alma” na sua relação com o objeto-valor e com outros sujeitos “ (BARROS, 1988, p.61 apud MATTE e LARA, 2009, p.345). Não há exemplos de trechos de conversa entre tradicionalistas e feministas e nem exemplos de outros contextos de fala. Entretanto, é interessante considerar dois elementos importantes para a época: o sutiã e o eslaque. Betty Friedan, ao evocar o sutiã como elemento de figurativização, ela o ressignifica e lhe dá um tema, que acreditamos ser a liberdade, indo ao encontro do exemplo apresentado por Gregolin:

Na figurativização os temas são concretizados em figuras que lhes atribuem traços de revestimento sensorial. Por exemplo, o tema da LIBERDADE pode ser figurativizado como uma "velha calça azul e desbotada" (na propaganda de jeans), como uma "pomba voando" ou uma "moça

² Composição de blusa e calça feitos do mesmo tecido

cavalgando". O efeito de verificação se fundamenta no reconhecimento das figuras. (GREGOLIN, 1995, p.17)

No caso da deputada federal Derci Furtado, ela tenta desconstruir a imagem da mulher tradicionalista que só usava vestido e saia. O eslaque, então, figurativiza o discurso da mulher politizada, deputada, presidente que encontra na política oportunidade e voz para lutar pelos seus direitos. Em suma, o vídeo parte da visão da mulher como dona-de casa , perpassando pelo “empoderamento” feminino quanto ao próprio corpo, terminando com exemplos de mulheres engajadas politicamente. A temática ‘luta’ estará presente de modo constante no próximo vídeo. Vejamos como ele dialoga com o primeiro.

2.2 Segundo vídeo: “Especial: o crescimento dos movimentos feministas no século XXI”³

O segundo vídeo apresenta uma roda de bate-papo composta por mulheres cariocas engajadas no discurso feminista. Cada uma apresenta sua nuance do movimento, visto que, na atualidade, o movimento feminista não é mais um bloco único, porém um grande movimento composto por nichos específicos que buscam atender demandas características de cada núcleo feminista. Segue abaixo os pontos apresentados por cada interagente.

Pâmela Castro relata que o ambiente em que viveu era conservador e padrão. Mulher-padrão, para ela, é a mulher que se casa e tem filhos. Ela diz ter transgredido esse padrão por ter se tornado artista visual e ter feito coisas que não se espera de uma mulher. *Jacira Melo*, diretora do instituto Patrícia Galvão, conheceu o movimento feminista na USP durante a década de 70, e relata as demandas dos movimentos daquela época. Dentre tais demandas estão: luta por creches, luta contra a violência à mulher e o direito ao aborto. *Bruna Leão*, mantenedora do grupo *Coletivo Não Me Calo*, atenta para o espaço virtual de debate sobre o feminismo. Segundo Bruna, a internet tem sido o principal veículo de propagação do discurso feminista e de acesso aos interesses de cada nicho.

³ Disponível em:<<http://g1.globo.com/globo-news/dossie-globo-news/videos/v/especial-o-crescimento-dos-movimentos-feministas-no-seculo-xxi/6389430/>>. Acesso em:14 jun. 2018.

Marcela Lisboa, jornalista, sintetiza a fala das outras participantes afirmando que o feminismo eclodiu a partir de 2013, com ajuda das mídias sociais. Apesar de cada movimento ter sua própria demanda, a luta em si move a base justificando a dimensão que o discurso feminista tem tomado.

Percebe-se no início do vídeo que, mesmo 57 anos depois, outro momento e local de fala, ainda temos o antagonismo do que é e do que não é próprio para a mulher, assunto presente na fala da Pâmela Galvão. Voltando ao documentário, vemos que o mesmo ilustra o feminismo evocando mulheres que se libertaram do discurso tradicionalista, e trazendo figuras que remetam à ideia de liberdade, como o sutiã e o eslaque. Já na roda de bate-papo, destaca-se a temática da luta, do feminismo como ato político. Segundo Conscencio (2016), mesmo que já houvesse a noção de *feminismo* nos anos 60, este vocábulo só ganhou força política a partir da década de 70. (p.98). Hoje, o discurso feminista se propaga e ganha força através da temática da luta. Para Foucault “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar” (FOUCAULT, 2009, p. 10 apud CONSCENCIO, 2016, p.96).

No segundo vídeo temos exemplos das paixões de cada participante. Podemos dizer que o próprio formato de abordagem ao tema, o bate-papo, nos antecipa que teremos pessoas constituídas de crenças e discursos distintos apresentando sua versão sobre o mesmo assunto, uma vez que “o sistema passional relaciona um nível social a um nível individual” (MATTE e LARA, 2009, p.345),.

3. Resultados

Tentamos elucidar o leitor para o fato de que o discurso sustenta o texto, o qual é enunciado em época específica, para um público específico, e traz consigo as ideologias de sua classe, bem como sua visão mundo. A temporalidade do discurso feminista, portanto, está no modo como cada época o engendra, se valendo de seus recursos enunciativos. Nos anos 60, em pleno RS, vimos que o feminismo queria empoderar a mulher com sua temática de libertação. Atualmente, no RJ, as

feministas fomentam seu discurso através da luta e de suas paixões. Entretanto, notou-se traços do antagonismo dos anos 60 no discurso atual, remetendo ao que é próprio para mulher e o que se espera da mulher. Concluímos, portanto, que ao longo do tempo, o discurso feminista se inicia como libertador para ganhar contornos políticos e de luta.

Referências

FOTOS ANTIGAS RS. Mulheres no RS – anos 60. 2007. (4min.16s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=FJue0Isf434>>. Acesso em:14 jun. 2018.

GLOBO NEWS. Especial: o crescimento dos movimentos feministas no século XXI. 2017. (5min.58s). Disponível em: <<http://g1.globo.com/globo-news/dossie-globo-news/videos/v/especial-o-crescimento-dos-movimentos-feministas-no-seculo-xxi/6389430/>>. Acesso em:14 jun. 2018.

CRESCENCIO, Isabel Escobar. *Representações discursivas sobre o feminismo na I Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres*. Dissertação em história-PPGHIS. Brasília, 2016.

MATTE, Ana Cristina Fricke; LARA, Glaucia Muniz Proença. Um panorama da semiótica greimasiana. *Alfa*, São Paulo, 53 (2): 339-350, 2009.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. *A análise do discurso: conceitos e aplicações*. São Paulo, SP, 1995.